

Bianca Letícia de Almeida

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp),
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em
História. Guarulhos, SP, Brasil.

b.almeida@unifesp.br

 <https://orcid.org/0000-0002-8660-9559>

***O Turista Aprendiz*, de Mário de Andrade, como fonte para a História Ambiental**

***O Turista Aprendiz*, by Mário de Andrade, as Source for Environmental History**

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar o livro *O Turista Aprendiz*, de Mário de Andrade, como possibilidade de fonte para a História Ambiental. A obra contém escritos sobre duas viagens realizadas pelo modernista, que tinha intenções de descobrir as diferentes realidades do Brasil. Embora com configurações distintas, as duas partes do livro – que foi editado e publicado postumamente por Telê Lopez – trazem as observações do autor que nos permitem pensar as diversas interações entre o homem e a natureza. Rios, matas, trajetos, climas, transportes, fronteiras, deslocamentos são algumas das possibilidades de reflexão que o livro nos oferece.

PALAVRAS-CHAVE: Mário de Andrade; História Ambiental; Modernismo.

ABSTRACT: This article aims at presenting the book *O Turista Aprendiz*, by Mário de Andrade, as a possible source for Environmental History. This literary work contains writings about two journeys made by the modernist, who intended to discover the different realities of Brazil. Although they have different configurations, the two parts of the book – edited and published posthumously by Telê Lopez – bring the author's observations that allow us to analyze the interactions between man and nature. Rivers, woods, paths, climates, transportation, frontiers, and movement are some of the possibilities of reflection offered by the book.

KEYWORDS: Mário de Andrade; Environmental History; Modernism.

As questões ambientais têm estado cada vez mais presentes nos debates das sociedades contemporâneas a partir, principalmente, da década de 1970. Desde então a ideia de ecologia, antes restrita ao meio acadêmico, expandiu para os “comportamentos sociais, ações coletivas e políticas públicas em diferentes níveis de articulação, do local ao global”¹. Indício de sua inserção na cena pública internacional, foi a primeira reunião internacional promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU), conhecida por Conferência de Estocolmo, para debater problemas relacionados à destruição do meio ambiente. Participaram dessa iniciativa mais de cem países e alguns deles, do chamado “terceiro mundo”, a encararam inicialmente com receio, como se pudesse ser uma tentativa de os países mais ricos impedirem o crescimento dos demais².

Embora o Brasil tenha participado desta reunião, as pautas ambientais ganharam mais visibilidade, no país, em meados de 1990. No âmbito educacional, pode-se citar dois exemplos. O primeiro foi a inclusão de problemáticas sobre a conservação do meio ambiente pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, o que incentivou que diversos cursos de graduação preparassem profissionais para trabalharem o conteúdo em sala de aula. O segundo foi a valorização da Política Nacional Educação Ambiental no ensino formal, com perspectiva interdisciplinar. Assim, não só a educação básica teve que adentrar nas temáticas ambientais, mas também os cursos superiores, pois precisavam oferecer esta formação aos professores de diversas áreas, como a História³.

Assim, a História Ambiental, ou a história da relação do homem com o seu meio, é um dos desencadeamentos da expansão dos estudos e discussões sobre o meio ambiente. Aos poucos a área de estudo foi se configurando e ganhando importância como uma das formas pela qual a agenda ambiental adentrou diversos setores da sociedade. Também é um reflexo do crescimento da historiografia na contemporaneidade que se tornou mais complexa internamente, em suas próprias abordagens, e externamente, com aproximações com outras áreas do saber⁴.

O terreno para o estudo da História Ambiental é bastante fértil e grandioso, ainda mais se considerarmos que não é uma ideia totalmente nova na historiografia pensar o homem no tempo e no espaço. Fernand Braudel, por exemplo, tinha em mente essa percepção ao escrever a obra *O Mediterrâneo*, na qual discorreu sobre as sociedades que se estabeleceram na região mediterrânea em diversas temporalidades. Contudo, ainda há o

1. José Augusto Pádua. “As Bases Teóricas da História Ambiental”. *Estudos Avançados*, 24, p. 82, 2010.

2. José Eli da Veiga. *A desgovernança mundial da sustentabilidade*. São Paulo: Editora 34, 2013, pp. 45-47.

3. Paulo Henrique Martinez. *História Ambiental no Brasil: pesquisa e ensino*. São Paulo: Cortez, 2006, p. 12.

4. José D’Assunção Barros. *A expansão da História*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 9.

desafio de inserir a perspectiva ambiental com a grandeza de possibilidades que ela traz no trabalho do historiador.

Pode-se especificar ainda mais o debate ao referenciar o trabalho do historiador brasileiro. Como é o ponto de onde falamos, precisamos pensar a nossa historiografia nacional de maneira singular, ainda que existam tantos “brasis” dentro da nossa realidade, com suas especificidades regionais, climáticas, sociais, culturais e históricas. Os recursos naturais brasileiros merecem ser evidenciados, já são características marcantes do país. Como, então, pensar a ecologia e a preservação dentro desse contexto?

A proposta deste artigo é oferecer algumas possibilidades de abordagem historiográfica sobre a relação do homem e do meio ambiente no Brasil no período do modernismo. Pergunta-se como um movimento importante na construção de um projeto ideológico de nação pensava o meio ambiente. Como o tema é grande e com possibilidades de diferentes aproximações, foi realizado um recorte na figura de Mário de Andrade, um dos expoentes do modernismo. Ainda assim, sua gigantesca obra seria um desafio maior do que a proposta para um artigo, por isso escolhemos suas notas e crônicas de viagem ocorridas no Norte e Nordeste do Brasil, entre os anos 1927 e 1929, que formam o livro *O Turista Aprendiz*.

Esta obra, editada e publicada postumamente, já foi objeto de pesquisas de áreas distintas que privilegiaram diferentes aspectos do livro. Para citar alguns exemplos, há análises que abordaram a questão da paisagem (pelo viés da literatura⁵ e arquitetura⁶); da identidade⁷; da geografia⁸; do espaço⁹; do conceito de viagem¹⁰; da educação¹¹; da

5. Jakeline Fernandes Cunha. *Mário de Andrade, paisagista em O turista aprendiz*. 2016. Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

6. Ana Carolina Canuto Coelho e Ana Elisabete de Almeida Medeiros. “O Turista Aprendiz: Reflexões e Narrativas de uma Ideia de Paisagem”. In: XV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2018, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.

7. Kamila Krakowska, “O Turista Aprendiz e o Outro: a(s) identidade(s) brasileira(s) em trânsito”, *Portuguese Cultural Studies*, 4, fall 2012, pp. 66–84.

8. Regina Célia Correa de Araújo. *No meio da multidão; um diálogo entre Mário de Andrade e a Geografia*. Mestrado em Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

9. Julio Cesar Suzuki, “Espaço na crônica de Mário de Andrade: uma análise de *O Turista Aprendiz*”. *Geograficidade*, 1, 2011, pp. 91–102.

10. Ivone da Silva Ramos Maya. “Anti-viajante que sou: o conceito de viagem em Mario de Andrade”. *Ipotesi* (UFJF), 3, 1999, pp. 73–88.

11. Ricardo Elia. *Um turista aprendiz nos Parques Infantis: Mário de Andrade, viagem e educação*. Mestrado em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

fotografia¹²; da etnografia¹³; e da importância das viagens para a constituição da trajetória política¹⁴ e construção intelectual¹⁵ de Andrade.

A intenção deste artigo é trazer possibilidades de análise desta obra pela historiografia e, em especial, pela História Ambiental. O que Andrade poderia ter-nos dito sobre o meio ambiente? Como era sua visão, como artista, paulistano, enfim, uma pessoa de seu tempo? Como foi a configuração, características e limitações de transporte durante as viagens; o que ele escreveu sobre as paisagens, bichos, rios, clima e trato da natureza pela população local? Como o livro foi constituído e qual a sua história editorial?

A literatura como fonte para a História

Os diários de viagens já são bastante utilizados pelos historiadores como fontes ricas sobre o passado. *O Turista Aprendiz* além de se referir aos lugares das viagens, também apresenta matéria interessante para abordar o modernismo em sua fase de descobrimento do Brasil, que inauguraria a fase ideológica do movimento¹⁶, e a vida Mário de Andrade. Importante lembrar que ele foi um agente histórico importante não só pela literatura, mas também devido a sua trajetória política e defesa da conservação do patrimônio cultural brasileiro.

Antes de adentrar propriamente no livro, cabem algumas considerações sobre a especificidade do uso de uma fonte literária para o estudo historiográfico. Primeiramente, a literatura é um objeto cultural interessante para o historiador, porque expressam uma realidade social, isto é,

12. Cristiano Mello de Oliveira. "O Turista Aprendiz e a Máquina Fotográfica como Estratégia de Aproximação Social". *Millenium*, 50, jan/jun 2016, pp. 101-121.

13. Luna R. Campos. *Sensibilidade etnográfica, narrativa e interpretação do Brasil: a viagem de Mário de Andrade ao Nordeste (1928-1929)*. Mestrado em Sociologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014; Pedro Rocha de Oliveira. *Viagem etnográfica ao Nordeste do Brasil - a crítica cultural de Mário de Andrade*. Mestrado em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

14. Marcelo Burgos P. dos Santos. *Viagens de Mário de Andrade: a construção cultural do Brasil*. Doutorado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), São Paulo, 2012; Salette Paulina Machado Sirino. "Mário de Andrade: mais que um turista aprendiz, um político cultural". *Revista Educação e Linguagens*, 1, 2012, pp. 202 e 210-211.

15. Cristiano Mello de Oliveira. *Considerações sobre a construção intelectual de Mário de Andrade: o Turista aprendiz*. Mestrado em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

16. Antonio Gilberto Ramos Nogueira. *Por um inventário dos sentidos: Mário de Andrade e a concepção de patrimônio e inventário*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2005, p. 71.

as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos, as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico.¹⁷

Ainda que a narrativa seja ficcional, como veremos que é em partes o caso de *O Turista Aprendiz*, ainda assim é fruto de um tempo e um espaço específicos. O autor não poderia criar enredos sem nenhuma referência social, cultural ou histórica. São historicamente datadas a criatividade, a imaginação e a originalidade, partindo de condições reais concretas ou não.¹⁸

Roger Chartier assinalou que para qualquer história do livro, da edição ou da leitura deve-se colocar como questão essencial o “processo pelo qual os diferentes atores envolvidos com a publicação dão sentido aos textos que transmitem, imprimem e leem”. Essa concepção considera não apenas o conteúdo do livro, mas também os seus suportes materiais e as suas condições técnicas e materiais de produção e difusão. Isso permite pensar a historicidade do impresso, pois o localiza em seu tempo e espaço de produção, divulgação e recepção.¹⁹

Assim o historiador pensa o objeto literário, ou mesmo historiográfico, não só a partir do texto publicado, isto é, apresentando a temática e o modo como ela foi construída, mas também as condições de publicação e como o produto foi recebido pelos seus leitores. Portanto, faz-se necessário pesquisar o contexto histórico e literário; quem era o autor, a editora e o editor da obra; o histórico das edições; a linguagem e estrutura empregada; o gênero; a rede com outros autores ou movimentos artísticos; e as formas de divulgação e expressões de leituras em forma de resenhas, por exemplo. Ainda que se escolha analisar uma porção do complexo processo que uma publicação abarca, uma visão geral sobre as diferentes etapas é necessária.

Assim, ao se trabalhar com uma publicação, lida-se com práticas culturais intrínsecas a sua construção de ordem autoral, editorial e material e com representações tanto inseridas no texto, quanto criadas pelos seus leitores, já que “a leitura de um livro também gera práticas criadoras, podendo produzir concomitantemente práticas sociais”²⁰.

17. Valdeci Rezende Borges. “História e literatura: algumas considerações”. *Revista de Teoria da História*, 1, 2010, p. 98.

18. Antonio Candido. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Nacional, 1985, p. 24 *apud* Valdeci Rezende Borges, “História e literatura”, *op. cit.*, p. 103.

19. Roger Chartier. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002, p. 61.

20. José D’Assunção Barros. “A Nova História Cultural: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos”. *Cadernos de História*, 12-16, 2011, p. 50.

Mário de Andrade “conhecendo outros brasis”

Entre os anos 1927 e 1929, Mário de Andrade realizou duas viagens pela curiosidade, vaidade ou ventura “de conhecer outros Brasis”, como ele mesmo escreveu, que resultaram nos escritos postumamente publicados em *O Turista Aprendiz*. A primeira viagem foi pela região norte do país e algumas regiões do Peru e Bolívia, com duração de três meses, e a segunda pelo nordeste brasileiro durante pouco mais de dois meses. Logo ao partir de sua casa na Rua Lopes Chaves, em São Paulo, o poeta nos dois momentos apresentou-se arrependido, pois não tinha o espírito de viajante, daí o título do livro. Aprendendo a viajar, Andrade por vezes se vale da realidade e ficção, esboçando uma criativa percepção dos lugares que visitou. Também expressou sinceridade em admitir beleza ou feiura dos lugares e êxtase ou mau humor de seu estado emocional.

Os dois itinerários, embora com o mesmo objetivo de conhecer o Brasil, são distintos entre si. No primeiro, o escritor vai à uma viagem já programada, com paradas curtas nos lugares, juntamente com Dona Olívia Guedes Penteado, a sobrinha dela Margarida Guedes Nogueira (Mag) e Dulce do Amaral Pinto (Dolur), filha de Tarsila do Amaral, que muitas vezes são referidas no livro como Rainha do Café, Trombeta e Balança, respectivamente²¹. O modo de viagem, preeminentemente fluvial e com curtas paradas, e principalmente as companhias de viagem, integralmente femininas, têm um papel importante no andamento da viagem e nas considerações do autor. De início, ele afirmou que não sabia que seria o único homem do grupo e que se soubesse não teria ido (p. 53 e 54).

Além da questão de gênero, a presença da D. Olivia é significativa, primeiramente, porque é ela o centro da viagem e quem insistiu para que o poeta fosse. Dama e mecenas dos modernistas, foi recebida pelos políticos locais e teve compromissos oficiais por onde passou, porque o então presidente Washington Luís telegrafara aos presidentes dos Estados e para o Peru a respeito da expedição.

O grupo formado pareceu causar surpresa e curiosidade nas pessoas que entraram em contato durante a viagem, conforme relatou Andrade. Um dia, em especial, estando em Porto Velho – antiga fronteira do Amazonas com Mato Grosso, hoje pertencente a Rondônia – alguém o chamou de secretário de D. Olivia. Quando respondeu que não era secretário, mas amigo, a pessoa ficou pasma em descobrir que o escritor havia feito a viagem por própria conta. Em sua concepção, era estranho o fato de uma pessoa que não

21. Mário de Andrade. *O turista aprendiz*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976, nota 1 do editor, p. 53.

"uma rainha enfarada e decerto maluca" andar por aquelas bandagens (p. 150). O caso é curioso para indagar se esse tipo de expedição fugia do comum da época.

Sendo um texto de gênero híbrido que mistura realidade com ficção, as companhias mencionadas até se sabe que eram reais, assim como os viajantes Klein e Musset que aparecem nas crônicas da viagem. Não é o caso do doutor Schaeffer, conforme Mag contou para Telê Porto Ancona Lopez durante a edição do livro. Em outros momentos a fantasia é mais explícita como a invenção da tribo indígena do-mi-sol.

Na segunda viagem, o relato e a situação do autor são diferentes. Ele foi sozinho, embora tenha encontrado com seus amigos Ascenso Ferreira, Cícero Dias, Antônio Bento de Araújo Lima, Ademar Vidal, Jorge de Lima e Câmara Cascudo, sendo hóspede deste último em Natal. E foi na condição de correspondente do recém fundado *Diário Nacional*, publicando quase diariamente na série chamada *O Turista Aprendiz*, totalizando quase 70 crônicas²². Como se verá adiante, na década de 1940, quando o escritor retomou o projeto do livro reunindo os materiais das viagens, Andrade não conseguiu trabalhar tanto na segunda excursão quanto na primeira. Para a edição póstuma, foi-se inseridas as crônicas praticamente como estavam quando publicadas pelo *Diário Nacional*.

A publicação de um livro não finalizado

A história editorial de *O Turista Aprendiz* merece importantes destaques. Primeiramente, há de se considerar o processo de criação do autor. Segundo Lopez, os projetos literários e de pesquisa sofreram diversas mudanças de intensões ao longo do tempo. Assim, Andrade "algumas vezes reúne material, arrola fontes, traça esboços ou escreve rascunhos, anunciando então um livro que acaba transformando em artigo ou conferência, ou mesmo não dando prosseguimento"²³. No caso da obra em questão, o modernista trabalhou e fez algumas publicações dos materiais colhidos durante ou logo após a viagem terminar. Depois abandonou o projeto de lançar um livro de viagens, preferindo publicar apenas algumas crônicas avulsas. A intenção foi retomada no início de 1940, contudo dada a sua morte em 1945, não conseguiu terminar o projeto. Foi a investigação de Lopez nos arquivos de Mário de Andrade do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo que pôde, enfim, resultar na publicação do livro, em 1976.

22. Telê Porto Ancona Lopez. "'Viagens Etnográficas' de Mário de Andrade". In: Mário de Andrade, *O turista aprendiz*, op. cit., p. 19.

23. Telê Porto Ancona Lopez. "Um projeto de livro". In: Mário de Andrade, *O turista aprendiz*, op. cit., p. 27.

Assim, a obra de autoria atribuída à Andrade, foi reconstituída postumamente, e embora de maneira excelente, não se pode dizer que contemplou as intenções do autor. Todo o processo e justificativa da forma como a obra foi editada estão em quatro artigos assinados por Lopez que anteveem os escritos de Andrade na primeira edição da publicação.

Esses esclarecimentos são fundamentais para a análise da obra, pois indicam, por exemplo, que a escrita e edição da obra englobam diversas temporalidades e atores sociais, desde os textos de Andrade feitos na década de 1920, em forma de relatos de viagem, crônicas e notas, publicadas ou não em jornais e coletâneas, à retomada do projeto cerca de 20 anos depois e a final publicação póstuma. Abordaremos a seguir um pouco mais sobre cada fase dos escritos das viagens.

O primeiro resultado material da expedição ao norte foi feito logo que Andrade retornou a São Paulo por meio do Diário Nacional, pertencente ao Partido Democrático. Em dezembro de 1927, o modernista publicou “A ciranda”, relatando uma dança dramática que presenciou no Solimões; e, em janeiro de 1928, um texto jornalístico intitulado “Turista aprendiz”, abarcando dois trechos do diário sobre Belém. Além desses escritos mais diretos, houve diversas menções sobre suas experiências em suas crônicas no jornal, a partir de 1929.²⁴

Em 1942, Andrade retornou o seu projeto dos diários, chegando a concluir os originais sobre a primeira viagem. Assinou o prefácio, em 1943, e até formulou uma capa para o manuscrito que chamou “O turista aprendiz (Viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia por Marajó até dizer chega) 1927”. No prefácio, Andrade explicou que durante a excursão não tinha intenção de que suas notas se transformassem em uma obra de arte, mas que pudessem ser reelaboradas futuramente. Isto não havia ocorrido até então, provavelmente por ter desgostado das suas anotações com tom de personalismo, conforme especulou. Havia, porém, gostado muito do Amazonas, do “caminho lardo de água”, e ter relido o que havia escrito desta experiência abriu sensações próximas e intensas que o impediu de destruir o material. Este consistia em cadernos e papéis soltos e que foram apenas corrigidos para a versão feita em 1943.²⁵

Acompanhado dos documentos, há, no arquivo do IEB, fotografias tiradas por Andrade (foram mais de 500 contando as duas viagens) com legendas e datas e algumas notas de pesquisa. Não têm, contudo, o pequeno anuário que ele afirmou, no início de seu livro, que usava para anotar, para uso pessoal, uma síntese dos dias vividos nas páginas pequenas. As

24. Telê Porto Ancona Lopez. “Viagens Etnográficas”, *op. cit.*, p. 19.

25. Mário de Andrade. *O turista aprendiz*, *op. cit.*, p. 49.

“literarices”, por outro lado, foram escritas em outro caderno, de forma indiscriminada que teriam que ser organizadas quando voltasse a São Paulo. Segundo Lopez, provavelmente o autor se desfez delas quando voltou a trabalhar no projeto em 1942, já que chegou a terminar uma versão datilografada do diário. A perda da documentação dificulta trabalhar com maior profundidade a questão do gênero híbrido que a obra ganhou, uma vez que a “realidade” e as “literalices” foram postas em conjunto na redação final. Talvez com o diário, fosse possível confrontar e perceber “a luta entre o verídico e o verossímil”²⁶.

É importante notar as diversas temporalidades que abarcam o diário. A viagem aconteceu em 1927 e os escritos da obra estão divididos em dias daquele ano. Contudo, por vezes é mais visível as interferências do momento de redação final, na década de 1940. Por exemplo, como bem notou Lopez, em um trecho do dia 27 de julho, Andrade escreveu:

Delícia a gente observar esse “café”, empregado por gente do norte, onde dizemos “é sopa”, “é canja”. (Naquele tempo ainda não aparecera aqui no sul a expressão “café pequeno”, no mesmo sentido. Ou pelo menos eu não tinha conhecimento dela.).²⁷

A adição posta entre parêntesis é uma marca do presente sobre um escrito feito no passado. Mesmo nos casos não tão evidentes, sabemos que Andrade reformulou o diário e que os relatos não têm a intenção de preservar apenas as considerações feitas na década de 1920. Há manipulação, transferência de uma data para outra, repetição e exclusão de trechos, que foram percebidos pela editora na comparação entre as notas que restaram e o texto final datilografado.²⁸

Já a segunda parte do livro não chegou a ser nomeada por Andrade a tempo, sendo então chamada de “Viagem etnográfica” por Lopez. Essa expressão foi utilizada pelo escritor nas suas crônicas para descrever a natureza de sua viagem. Esta parte consiste em recortes dos artigos de Andrade para o *Diário Nacional*. Segundo a estudiosa, um dos indícios de que o autor havia ampliado seu projeto de publicação das excursões para englobar as duas viagens, foi ele ter se referido ao seu texto “Religião brasileira”, sobre a viagem ao nordeste, como parte do *O turista aprendiz*, em um comentário na Revista de Antropofagia²⁹. Contudo, em 1942, ainda incerto do valor do livro, lançou na coletânea de

26. Telê Porto Ancona Lopez. “Um projeto de livro”, *op. cit.*, p. 30.

27. Mário de Andrade. *O Turista Aprendiz*, p. 58 (originais datilografados) *apud* Telê Porto Ancona Lopez. “Um projeto de livro”, *op. cit.*, p. 32

28. Idem.

29. *Revista de Antropofagia*, 2ª dentição, Diário de S. Paulo. São Paulo, 31 mar., 1929, assinada “Mário de Andrade”, *apud* Idem, pp. 25-27.

crônicas “Os filhos da Candinha”, cinco textos reescritos sobre a viagem etnográfica publicados anteriormente no *Diário Oficial*³⁰.

Além destas publicações, os materiais de pesquisa sobre cultura popular, reunidos por Andrade durante a excursão foram inseridos em *Na pancada do ganzá*, obra concluída por sua discípula Oneyda Alvarenga.

No arquivo do IEB encontram-se 58 recortes da série “O turista aprendiz”, com poucas correções a lápis; um espaço reservado para o prefácio, que não chegou a escrever; e notas da viagem escritas de forma espremida em uma agenda de bolso. Estas notas, em formato de diário, são outro indício, para Lopez, de que Andrade pretendia fazer este livro em uma estrutura de diário de viagem.³¹

Com os materiais fragmentados, Telê Ancona Lopez buscou forjar uma unidade editorial, ainda que assumidamente artificial. Para a publicação do livro pela Editora Duas Cidades, a pesquisadora juntou os dois escritos de viagem sob o título geral *O Turista Aprendiz*, mas também manteve o título dado pelo autor como nome das partes do livro³². Outra medida foi deixar ambos os textos como diários, fazendo divisões internas por dia, onde é sempre informado o lugar e data em que o autor estava no momento. O primeiro diário já tinha essa forma, restando apenas implementar o modelo somente no segundo conjunto de textos que, já tendo essas informações nas crônicas do jornal, só foi preciso tirar o nome da série.

Outra escolha importante na edição da obra está ligada ao trabalho com a linguagem empregada pelo escritor. As leis ortográficas foram atualizadas, erros gramaticais corrigidos e algumas grafias não aceitas como “porêm”, “ruim” e “sinão”. Respeitou-se, por outro lado, a sintaxe, o léxico e a pontuação do autor, bem como seus neologismos e nacionalização gráfica de palavras de outras línguas.³³ Muitos destes recursos linguísticos foram usadas pelo modernista como tentativa de expressar o modo de falar das pessoas que ele observou. Manteremos as escolhas de Lopez nas citações deste presente artigo.

Cabe também informar que Lopez incluiu entre as páginas da obra algumas fotografias tiradas pelo modernista durante as duas viagens em diálogo com o texto; artigos sobre a viagem ao Amazonas publicados do *Diário Nacional*; uma entrevista concedida quando estava em sua viagem ao Norte; e as notas que fez em um diário pequeno quando estava no nordeste.

30. Telê Porto Ancona Lopez. “Viagens Etnográficas”, *op. cit.*, p. 21

31. Telê Porto Ancona Lopez. “Um projeto de livro”, *op. cit.*, p. 28.

32. Idem, p. 35.

33. Telê Porto Ancona Lopez. “A edição de ‘O turista aprendiz’”. In: Mário de Andrade, *O turista aprendiz*, *op. cit.*, p. 38.

As viagens: itinerários, escritos e impressões

Descrever-se-á, neste momento, o itinerário do autor nas duas viagens. Na primeira, ele partiu de São Paulo de trem, no dia 7 de maio de 1927, até o Rio de Janeiro, aonde visitou amigos por quatro dias. Depois, embarcou no barco Pedro I e fez paradas curtas em Maceió e Recife. Em Salinas, no dia 19 de maio, contou que foi preciso “emprestar um tabajara que nos guiasse através da foz traiçoeira do Amazonas”³⁴.

Prestes a entrar na foz do Amazonas, Andrade afirmou que gostaria de escrever sobre a viagem litorânea que fez até o momento, mas que não sabia se conseguiria, por estar aturdido e maravilhado (p. 60). Mesmo adorando voluptuosamente a natureza, quando tentava descrevê-la perdia o interesse, por não saber como transmitir “o prazer das vistas” (p. 63).

Após oito dias em Belém, embarcou no vaticano São Salvador; em 29 de maio entrou no Rio Amazonas, passou por Paritins, Itacoatiara; e em 05 de maio chegou em Manaus, onde ficou por quatro dias. A viagem continuou com paradas em alguns lugares como Manacapuru e Tonantins, chegando no dia 19 de junho em Tabatinga, fronteira com o Peru. Neste país, primeiramente visitou uma usina de açúcar em Vitoria, cujo dono, Dr. Vigil, “progressista” e “bem arrumado”, criou com a ajuda de 240 índios que conseguira domesticar e fazer trabalhar com eficiência. A modernização impressionou o autor. Assim, “nem bem saído do brasil maltratado, sem nenhuma iniciativa linda, maquinário moderníssimo importado de quanta Inglaterra e EE.UU [abreviação de Estados Unidos em espanhol]” (p. 111).

Em Nanay, visitou a tribo Huitôtas que se vestiam “como nós, isto é calça e paletó, ou calça e camisa, e hablando uns farrapos de espanhol” (p. 114). Lá não conseguiu negociar o que queria: um pote “lindíssimo” lhe foi negado e só outro que não o interessava foi vendido; uma índia não deixou que ele tirasse foto dela; e, talvez o que mais o incomodou, não venderam folha de coca (pp. 115-116). Também escreveu que achou as casas, ainda que pobres, mais bonitas do que as brasileiras, e as pessoas mais bonitas que os brasileiros da Amazônia (pp. 118-121).

No dia 21 de junho chegou a Iquitos, capital da província de Loreto, e iniciou seu caminho de volta ao Brasil. Tendo chegado em Manaus no dia 02 de julho, começou então a descer o Rio Madeira, um rio mais alegre que o Solimões porque, a despeito de ter menos canto de passarinhos, tinha mais gente. Ironicamente, logo em seguida bateu uma angústia que agitou e irritou o autor, que ficou com vontade de voltar para casa (p. 133). No dia 11,

34. Mário de Andrade, *O turista aprendiz*, op. cit., p. 61.

chegou à antiga divisão com o Mato Grosso, em Porto Velho, hoje localizado em Rondônia, onde o modernista escutou um apito de trem após dois meses sem ouvir esse “tenor sublime” que deu saudade (p. 150). No dia seguinte, percorreu a fronteira com a Bolívia passando por Guarajá-Mirim, S. Carlos, Sto Antonio, Jaci Paraná e Abunã. Da Vila Martinho passeou rapidamente na Bolívia. No dia 14 de julho, iniciou-se a volta da viagem, partindo de Guarajá Mirim de trem.

Ao voltar ao Amazonas, Andrade pediu para conhecer um seringal, na companhia de Klein e das moças. Após observarem o trabalho de seringueiros, deparam com um laguinho sem as vitórias-régias que havia nas proximidades de Manaus. Todos entram em um estado de contemplação, em silêncio observam “a água, refletindo o verde negro das águas destas árvores enormes, é de uma profundidade infiel, como se estivesse apodrecendo aos poucos” (p. 160).

Partindo de Manaus no dia 21 de julho, os viajantes começaram de fato a volta a São Paulo, não que o poeta estivesse sentindo saudade de casa. Em Belém, ele fez uma consideração sobre a diferença entre a vida equatorial e a do sul. Quando contemplava uma paisagem nesta, uma cidadinha, uma fazenda paulista, um rio mineiro, uma peroba do sul, não as compreendia, como se tivessem uma vida interior resguardada. Mas passando as dunas do nordeste, a alma das coisas desaparecia, e estas se mostravam mais francas, leais, sem mistérios (p. 182). A seguir, partiu da capital no dia 01 de agosto, fez algumas paradas durante o caminho e quinze dias depois chegou em São Paulo.

A segunda viagem ocorreu entre os dias 27 de novembro de 1928 a 5 de fevereiro de 1929, com períodos de estadia no Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Foi o elemento musical, entre outras manifestações culturais, que Andrade mais se empenhou em registrar, chegando a coletar cerca de 800 canções populares. Entre alguns moradores das regiões, o autor ficou conhecido como o “dotô de São Paulo que veio studá Boi [Bumbá]” (p. 267).

Como na primeira viagem, o modernista partiu de São Paulo para o Rio de Janeiro e lá visitou amigos antes de embarcar, no dia 3 de dezembro. Fez paradas rápidas em Salvador e Maceió e chegou em Pernambuco no dia 11. De Recife pegou um trem com destino à Paraíba. De maneira geral, a impressão é que o autor está mais observador e até interessado do que na primeira viagem. Enquanto esteve no navio, além de descrever a paisagem, escreveu que estudava as conversas das pessoas do nordeste. Chegou em Paraíba no dia 13 e notou que lá as pessoas eram mais “feias” e magras, possivelmente referindo-se a maior pobreza.

Dois dias depois, Mário de Andrade estava em Natal que, para ele, de todas as capitais do “norte”, “é a mais democraticamente capital, honesta, sem curiosidade excepcional

nenhuma”. Pelo contrário, o que chama a atenção é seu encanto sincero, familiar, que a torna “brasileiramente humana e cotidiana como nenhuma outra capital brasileira” que ele conhece (p. 232). Como um anti-turista que descreve ser, não tem a obrigação de procurar aspectos exóticos nos lugares que vai, mas deseja tão somente viver a vida de seu país (p. 233). Assim, conforme tornou a mencionar posteriormente, não fora ao nordeste só para conhecer lugares e estudar manifestações de arte popular, mas conhecer pessoas e os seus modos de vida (p. 242).

Uma das observações mais gerais, contudo, foi a de que do Rio de Janeiro à Bahia as influências culturais são predominantemente de africanos, enquanto no Norte é de ameríndios. A “divisão”, contudo, é gradual, sendo a zona de Pernambuco ao Rio Grande do Norte, uma região em que as influências se misturam. Ele chegou a essa conclusão ao perceber o culto aos deuses (p. 242).

Andrade ficou em Natal até o dia 06 de janeiro de 1929, quando decidiu visitar engenhos no interior do estado. Em um deles, criticou a técnica colonial e atrasada, não parecendo estar no Brasil mais, mas como se estivesse turistando pelas “Áfricas e Ásias do atraso inglês, francês, italiano”, em que a falta de modernização é uma conveniência colonial. Após descrever a estrutura do engenho e os processos envolvidos, classificou-os como primários de fábrica e que era hora de o Brasil criar usinas (pp. 270-272).

Ainda sobre modernização, na crônica do dia 15 de janeiro, o escritor apresentou algumas considerações que ouviu sobre a empreitada da *Ford* na Amazônia. Relatou de início que algumas pessoas estavam desiludidas com a investida internacional, como se não fosse trazer algum benefício às pessoas da região. Na crônica seguinte, contudo, Andrade expressou uma opinião mais otimista a respeito de esperar que a situação melhore nas regiões mais pobres do Brasil. Segundo ele, um senhor chamado Raimundo Brasil, dizendo-se conhecedor das regiões dos Tapajós, afirmou que viu no Amazonas cerca de 2 quilômetros

desbravados, destocados, várias oficinas mecânicas, hospital provisório, farmácia, drogaria, padaria, gado, batelões de 40 toneladas, rebocadores, lanchas, 9 caminhões, 23 tratores, mais máquinas pra tudo e vários arranha-céus dum andar (p. 285).

Continuando a viagem, dessa vez de carro, Andrade foi com alguns homens conhecer sertão do Rio Grande do Norte e Paraíba com o interesse de visitar salinas e locais onde produzia-se algodão. Nessa parte da viagem, o autor ficou impressionado com a pobreza das regiões mais afastadas de Natal, sobretudo no que tange à seca. Comentou que a água do sertão era repugnante, suja, feita, gosto ruim e só em casos extremos ele a bebeu (p.

292). Dada essa situação, fez duras críticas a Washington Luís pela falta de verbas destinadas ao sertão, pelas obras não concluídas e por não se importar com a região:

A reverendíssima Excia. do dr. Washington Luís passa pelo Nordeste em discurso, não tirando a luva da mão, sem experimentar a tapa-mão de couro do vaqueiro, bem hospedado, comendo, e muitos as comidas morenas de por aqui. E antes ou depois da viagem, que nem todos os brasileiros (até o nordestino!), continua lendo as literatices heróicas de Euclides da Cunha” (p. 294).

O trecho é também marcado pela crítica severa ao livro *Os Sertões*. Para Andrade, não há como descrever a desgraça climática do Nordeste e ela não poderia ter inspirado uma boniteza genial que de fato o livro é. Este, portanto, é falso e repugnante, fazendo com que os brasileiros se orgulhem da literatura ao invés de fazer algo enquanto cidadãos para mudar a situação real. Além disso, o livro não deveria ter transformado em heroísmo o que é miséria “mesquinha e insuportável, medonha” (p. 294–295). Com a constante vontade de chorar e coração penando, o autor afirmou não conseguir nem pensar em fazer literatura sobre o que estava vivenciando, por parecer tão egoísta querer escrever enquanto há pessoas que vivem a monstruosa e enorme situação de seca (p. 301).

No dia 23 de janeiro voltou a Natal, onde continuou coletando canções e cantigas. Cinco dias depois fez o mesmo na Paraíba, sempre escrevendo em suas crônicas sobre as pessoas que vinham cantar para ele. Por vezes ele transcrevia alguns dos trechos dessas músicas e publicava junto com seu texto para o jornal. Por essas experiências, o autor chegou a comentar que a despeito de todo sofrimento, as pessoas deixam o Brasil “uma gostosura de viver” (p. 316). E do mesmo Estado, no dia 05 de fevereiro, escreveu a última crônica do livro.

O Turista Aprendiz e a História Ambiental

Nos dois momentos de sua vida, Mário de Andrade saiu de São Paulo com o objetivo de descobrir novas realidades de seu país. Até o momento, o escritor não havia conhecido muitos outros lugares. Diferente de outros modernistas, não havia viajado para fora do Brasil³⁵.

Desde a despedida dos amigos no Rio de Janeiro, muito do que ele descobriu e relatou tem a característica de ser novidade. Como ele mesmo descreveu durante a viagem para o Norte, ele era um turista aprendiz, um amador. Ele se propôs a ir, mas por vezes se

35. Antonio Gilberto Ramos Nogueira. *Por um inventário dos sentidos, op. cit.*, p. 51.

arrependia. Durante a viagem, teve que trocar as suas roupas quentes demais e se acostumar a não ouvir o barulho do trem.

Por ter sido um deslocamento territorial e de perspectivas, como historiadores podemos utilizar seus relatos se valendo de todos os estranhamentos do autor, que também são para nós de certa forma. Para ele, o distanciamento era regional, da São Paulo do trem e das roupas mais grossas. Já os historiadores partem também de outra realidade, não só possivelmente regional, mas sobretudo temporal. Recebemos esses escritos como pessoas externas que também querem desvendar, cientificamente, esse Brasil (ou esses “brasis”) de outras regiões e tempos. Como historiadores do meio ambiente, ansiamos em ter indícios de como os homens e as mulheres interagem com o seu meio, como percebiam e atuavam nas fronteiras e nos rios; e como transformavam recursos naturais em meios de sobrevivência, de comércio e de saber.

Andrade observou, escreveu e categorizou à sua maneira. Um rio mais feliz do que o outro porque havia mais gente; regiões com influências indígenas ou africanas; povos mais bonitos ou feios; e cidades mais atrasadas ou modernas. Moderno, conforme notamos nos escritos do segundo diário, era explorar a Amazônia, trazer construções e serviços. Atrasado era continuar com técnicas retrógradas e coloniais em engenhos, ao invés de criar usinas.

Conforme foi se familiarizando com as condições específicas dos locais que visitou, Andrade enriquecia suas considerações. Foi o caso de quando criticou a visão que provavelmente os sulistas tinham de que da Bahia ao Equador estava a região Norte. Conforme pôde notar, havia uma diferença acentuada do clima úmido desta região para o problema da seca no Nordeste. Também percebeu uma *fronteira* gradual de cultos aos deuses. Do Rio à Bahia, a influência mais forte era de crenças africanas, enquanto no Norte a de indígenas. Pernambuco e Rio Grande do Norte se situavam em uma região de transição, possuindo igualmente as duas influências.

A noção de *fronteira cultural* é só uma das possibilidades de extensão que essa palavra oferece. De acordo com Guazelli (2014), *fronteira* tem vários sentidos que podem se entrecruzar. Em sua proposta de trabalho, definiu três dimensões:

- 1) uma espacial, aparentemente aquela que é identificável e material, mas que necessita da mediação de uma construção histórica; 2) uma textual, que diz respeito tanto aos desenvolvimentos teóricos que dão conta do tema, quanto da produção ficcional que tem como objeto estes territórios e suas gentes; 3) finalmente, aquela dimensão entre o verossímil e o

fantástico, que muitas vezes é capaz de revelar aspectos que dificilmente se dão a conhecer empiricamente.³⁶

Assim como Guazelli utilizou a literatura para estudar as relações sociais e políticas na região das fronteiras sulinas, *O Turista Aprendiz* pode ser outra possibilidade de fonte para a temática. O livro fala da dimensão espacial e material, abordando duas das nove fronteiras que o Brasil possui com outros países, além das diversas demarcações dentro do território nacional; é uma produção literária que pode ser estudada com acordes teóricos; e seus escritos transitam na fronteira do real e ficcional.

Em *O Turista Aprendiz*, Mário de Andrade nos deixa uma vasta possibilidade de abordagens. Em sua passagem pelo Norte e Nordeste descreveu paisagens, transportes, climas, características regionais e culturais e o modo como recursos naturais eram explorados pelo homem. Pela sua contagem dos dias e indicação dos meios de transporte utilizados, também concede informações sobre deslocamento. Apontou como as pessoas (fossem as envolvidas com o modernismo, cantores populares, indígenas que vivem em fronteiras nacionais, entre outras) se relacionavam com a natureza, com a ancestralidade, com o divino, com o fato de estar viajando ou morando em zonas mais afastadas da capital nacional ou nas mais castigadas pela seca e pobreza.

Assim, não faltam possibilidades de emprego dessa fonte para o historiador, sempre considerando as características específicas da fonte literária de gênero híbrido; o contexto histórico e literário; o modo como foi escrito e editado; a análise da linguagem e estrutura do texto; os aspectos da vida do autor importantes para a análise dessa sua obra; entre outros métodos importantes para se trabalhar com qualquer fonte literária.

Tratando-se em especial da História Ambiental, esta fonte pode ser empregada como objeto principal ou não dadas as descrições de Mário de Andrade sobre a maneira como o ser humano lidava com os climas, vegetações, meios de deslocamento e obtenção de renda em cada localidade que passou. E, mais do que uma fonte que pode relevar objetividades, é imprescindível, analisar a obra levando em conta as subjetividades e o local de quem a escreveu.

36. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli. "Rio da Prata, século XIX: fronteiras espaciais, textuais e ficcionais". *Diálogos: revista do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá*. 18-1, jan./abr. 2014, p. 176.

Referências

- ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- ARAÚJO, Regina Célia Correa de Araújo. *No meio da multidão; um diálogo entre Mário de Andrade e a Geografia*. Mestrado em Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- BARROS, José D'Assunção. "A Nova História Cultural: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos". *Cadernos de História*, v. 12-16, pp. 38-63, 1º sem. 2011.
- BARROS, José D'Assunção. *A expansão da História*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BORGES, Valdeci Rezende. "História e literatura: algumas considerações". *Revista de Teoria da História*, 1, pp. 94-109, 2010.
- CAMPOS, Luna R. *Sensibilidade etnográfica, narrativa e interpretação do Brasil: a viagem de Mário de Andrade ao Nordeste (1928-1929)*. Mestrado em Sociologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.
- COELHO, Ana Carolina Canuto; MEDEIROS, Ana Elisabete de Almeida. "O Turista Aprendiz: Reflexões e Narrativas de uma Ideia de Paisagem". In: *Anais do XV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, 2018, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://even3.blob.core.windows.net/anais/82017.pdf>. Acesso em 11 setembro 2019.
- CUNHA, Jakeline Fernandes. *Mário de Andrade, paisagista em O turista aprendiz*. 2016. Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- ELIA, Ricardo. *Um turista aprendiz nos Parques Infantis: Mário de Andrade, viagem e educação*. Mestrado em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- GUZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. "Rio da Prata, século XIX: fronteiras espaciais, textuais e ficcionais". *Diálogos: revista do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá*, 18-1, pp. 173-206, jan./abr. 2014.
- KRAKOWSKA, Kamila, "O Turista Aprendiz e o Outro: a(s) identidade(s) brasileira(s) em trânsito", *Portuguese Cultural Studies*, 4, pp. 66-84, 2012.
- MARTINEZ, Paulo Henrique. *História Ambiental no Brasil: pesquisa e ensino*. São Paulo: Cortez, 2006.
- MAYA, Ivone da Silva Ramos. "Anti-viajante que sou: o conceito de viagem em Mario de Andrade". *Ipotesi* (UFJF), 3, pp. 73-88, 1999.
- NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. *Por um inventário dos sentidos: Mário de Andrade e a concepção de patrimônio e inventário*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2005.
- OLIVEIRA, Cristiano Mello de. "O Turista Aprendiz e a Máquina Fotográfica como Estratégia de Aproximação Social". *Millenium*, 50, pp. 101-121, jan/jun 2016.

- OLIVEIRA, Cristiano Mello de. *Considerações sobre a construção intelectual de Mário de Andrade: o Turista aprendiz*. Mestrado em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
- OLIVEIRA, Pedro Rocha de. *Viagem etnográfica ao Nordeste do Brasil – a crítica cultural de Mário de Andrade*. Mestrado em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- PÁDUA, José Augusto. “As Bases Teóricas da História Ambiental”. *Estudos Avançados*, v. 24, pp. 81-101, 2010.
- PÁDUA, José Augusto. “Civil Society and Environmentalism in Brazil: The Twentieth Century’s Great Acceleration”. In: RAJAN, S. Ravi; SEDREZ, Lise (org). *The Great Convergence: Environmental Histories of the BRICS*. New Delhi: Oxford University Press, v. 1, pp. 113-134, 2018.
- SANTOS, Marcelo Burgos P. dos. *Viagens de Mário de Andrade: a construção cultural do Brasil*. Doutorado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), São Paulo, 2012.
- SIRINO, Salete Paulina Machado. “Mário de Andrade: mais que um turista aprendiz, um político cultural”. *Revista Educação e Linguagens*, 1, pp. 202-211, 2012.
- SUZUKI, Julio Cesar, “Espaço na crônica de Mário de Andrade: uma análise de O Turista Aprendiz”. *Geograficidade*, 1, pp. 91-102, 2011.
- VEIGA, José Eli da. *A desgovernança mundial da sustentabilidade*. São Paulo: Editora 34, 2013.

Artigo recebido em 20 de setembro de 2019.

Aprovado em 2 de dezembro de 2019.